

## O Choro da Fiel\*

*Silvio Caccia Bava*

*Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.*

*Publicado em: 03/03/2004*

Toda a nação corintiana depositava a maior fé na Gaviões da Fiel. Campeã em 2002 e 2003, ela tinha tudo para ganhar outra vez. Em clima de euforia, seus 4.500 integrantes entraram na passarela do samba. Na arquibancada, a agitação das 10 mil bandeirinhas distribuídas pela agremiação mostrava a força da sua torcida e levava os sambistas à loucura! A animação era geral. Tudo corria bem até o meio do desfile. Muitos já sentiam no ar o gosto de uma nova vitória. De repente, no meio da apresentação, sem controle mais da direção, o último carro alegórico se desgoverna, derruba uma caixa de som, cria um vazio no meio do desfile. A angústia se estampa no rosto dos corintianos. Superado este momento com o esforço da Gaviões, a apresentação continua. Mas, novamente, na saída do Sambódromo, o carro alegórico perde a direção, derruba um cronômetro e colide com o portão de saída, amassando-o e ferindo pessoas. A galera vai ao desespero. O clima de euforia é substituído pelo choro e pela decepção. A escola perde 8 pontos e, com eles, o sonho da vitória. Corre o risco até do rebaixamento.

Essa mesma angústia, com o primeiro grave acidente de percurso, é sentida agora pela ampla maioria da nação brasileira, que depositava a maior fé no governo do PT.

Campeão, com 53 milhões de votos, nas eleições de 2002, Lula anunciava um esperado período de mudanças para o país. Em clima de euforia, 150 mil pessoas, vindas de todas as partes do Brasil, concentraram-se ao longo da Esplanada dos Ministérios para prestigiar sua posse e acenavam com lenços verdes e amarelos, distribuídos pelo PT. A coragem venceu o medo, agora somos nós, o povo, que estamos no governo, diziam eles. Uma enorme energia, de muitos milhões de brasileiros, respaldava este discurso.

No primeiro ano, para enfrentar a “herança maldita”, foi preciso o sacrifício da galera. O aumento do desemprego, a redução do valor dos salários, o aumento das tarifas públicas, o corte de orçamento para as políticas sociais, tudo isso foi entendido como um sacrifício necessário para poder botar o governo nos trilhos da mudança. Mesmo as alianças com setores conservadores, em nome da governabilidade, foram vistas como habilidade na arte de governar. As pesquisas de opinião atestaram a fé do povão no Lula e no PT.

No começo de seu segundo ano de governo, depois da aprovação das reformas da Previdência e tributária, que não favoreceram nem agradaram o povão, surgem fitas gravadas que comprovam corrupção e questionam, de maneira mais ampla, a origem de recursos usados em financiamentos de campanha. O governo perde pontos e esbarra no cronômetro das eleições municipais.

Mas ainda estamos chegando ao meio da passarela, o desfile não terminou. São quase três anos pela frente. A questão é saber se o carro que desgovernou pode ser colocado de novo na trilha certa, desta vez na trilha das mudanças, das reformas de base, para garantir trabalho e renda para milhões de brasileiros.

A lógica cínica que garante o controle do capital sobre a democracia e o financiamento das campanhas eleitorais coloca o governo do PT em xeque. Como se todos os demais fossem santos e possam atirar a primeira pedra. Mas não é xeque-mate. A corrupção, sem dúvida, precisa ser combatida, em qualquer caso. Porém, o que está em jogo é outra coisa. É quem dará, daqui para a frente, a direção ao desfile. Aí que está o nó deste momento.

De um lado, oferecendo apoio e solidariedade, estão os ACMs e Sarneys da vida. É o abraço do tamanduá. Se as alianças forem para abafar a crise ao preço de ainda maiores concessões aos setores conservadores, então a galera vai ao desespero e a governabilidade estará comprometida. Já vimos este filme em vários países e seus exemplos mais recentes são a Bolívia e a Argentina.

Se as alianças forem com os milhões de brasileiros que apostaram neste governo para garantir a todos terra, trabalho e cidadania, então teremos recuperado o sentido de fazer política, de votar em eleições, e de escolher um governo de mudanças. Ainda este ano, nas eleições municipais, o governo poderá recuperar os pontos que perdeu no desfile e, quem sabe, levar ainda o primeiro lugar.

\*Texto originalmente publicado no Diário de São Paulo de 24 de fevereiro de 2004.